

# O Livro de Urântia

---

<< [Documento 77](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 79](#) >>

---

## Documento 78

### A Raça Violeta Depois dos Dias de Adão

78:0.1 (868.1) O SEGUNDO Éden foi o berço da civilização durante quase trinta mil anos. Os povos Adâmicos mantiveram-se na Mesopotâmia, enviando de lá os seus descendentes para os confins da Terra e, mais tarde, miscigenados já com as tribos noditas e sangiques, ficaram conhecidos como anditas. Dessa região, partiram os homens e mulheres que iniciaram os feitos dos tempos históricos, e que tão enormemente aceleraram o progresso cultural em Urântia.

78:0.2 (868.2) Este documento descreve a história planetária da raça violeta, começando logo após a falta de Adão, por volta de 35 000 a.C., perdurando até a miscigenação dessa raça com as raças nodita e sangue, por volta de 15 000 a.C., para formar os povos anditas, até que desaparecessem finalmente das suas terras natais na Mesopotâmia, por volta de 2 000 a.C.

# 1. A Distribuição Racial e Cultural

78:1.1 (868.3) Embora as mentes e a moral das raças estivessem em um nível bastante baixo na época da chegada de Adão, a sua evolução física teve continuidade, não tendo sido afetada pelas premências da rebelião de Caligástia. A contribuição de Adão para o status biológico das raças, não obstante um fracasso parcial do empreendimento, elevou enormemente os povos de Urântia.

78:1.2 (868.4) Adão e Eva também contribuíram muito com tudo o que havia de valor para o progresso social, moral e intelectual da humanidade; a civilização foi imensamente estimulada pela presença da sua progênie. Contudo, há trinta e cinco mil anos, o mundo possuía pouquíssima cultura, em geral. Alguns centros de civilização existiram aqui e ali, mas a maior parte de Urântia permanecia mergulhada na selvageria. A distribuição racial e cultural era a seguinte:

78:1.3 (868.5) 1. *A raça violeta — os adamitas e os adamsonitas.* O centro principal da cultura adamita estava localizado no segundo jardim, no triângulo formado pelos rios Tigre e Eufrates, de fato o berço das civilizações ocidental e indiana. O centro secundário da raça violeta, ao norte, era a sede-central dos adamsonitas, situada a leste da margem sulina do mar Cáspio, perto das montanhas de Kopet. Desses dois centros, a cultura e o plasma de vida dessa raça

expandiram-se para as terras vizinhas, o que estimulou imediatamente todas as raças.

78:1.4 (868.6)      2. *Os pré-sumérios e outros noditas.* Na Mesopotâmia, estavam também presentes, perto da embocadura dos rios, os remanescentes da antiga cultura dos dias da Dalmácia. Com o passar dos milênios, esse grupo tornou-se plenamente miscigenado com os adamitas ao norte, mas nunca perdeu inteiramente as suas tradições noditas. Vários outros grupos noditas, que se haviam estabelecido no Levante, foram, em geral, absorvidos pela raça violeta no curso da sua expansão posterior.

78:1.5 (869.1)      3. *Os andonitas* mantiveram cinco ou seis colônias bastante representativas ao norte e a leste da sede-central dos adamsonitas. E, também, se espalharam pelo Turquestão, enquanto algumas das suas ilhas isoladas persistiram em toda a Eurásia, especialmente nas regiões montanhosas. Esses aborígenes ocuparam, ainda, a parte norte do continente eurasiático, junto com a Islândia e a Groenlândia, mas, havia muito, tinham sido expulsos das planícies da Europa pelos homens azuis, e dos vales dos rios mais longínquos da Ásia, pela raça amarela que se expandia.

78:1.6 (869.2)      4. *Os homens vermelhos* ocuparam as Américas, havendo sido expulsos da Ásia mais de cinquenta mil anos antes da chegada de Adão.

78:1.7 (869.3)      5. *A raça amarela.* Os povos chineses estavam bem estabelecidos no controle da Ásia Oriental. As suas colônias mais

avançadas estavam situadas a nordeste da China moderna, nas regiões fronteiriças com o Tibete.

78:1.8 (869.4)     6. *A raça azul.* Os homens azuis encontravam-se espalhados por toda a Europa, mas os seus melhores centros de cultura situavam-se nos vales, então férteis, da bacia do Mediterrâneo e no noroeste da Europa. A absorção do homem de Neandertal, em grande parte, retardou a cultura dos homens azuis, todavia, por outro lado, eles eram os mais agressivos, aventureiros e os mais exploradores de todos os povos evolucionários da Eurásia.

78:1.9 (869.5)     7. *A Índia pré-dravidiana.* A complexa mistura de raças na Índia — abrangendo todas as raças da Terra e, especialmente, a verde, a alaranjada e a negra — manteve uma cultura ligeiramente acima daquela das regiões limítrofes.

78:1.10 (869.6)     8. *A civilização do Saara.* Os elementos superiores da raça índigo tiveram as suas colônias de maior progresso nas terras que agora formam o grande deserto do Saara. Esse grupo negro-índigo trazia extensivamente as linhagens das raças alaranjada e verde que submergiram.

78:1.11 (869.7)     9. *A bacia do Mediterrâneo.* A raça mais altamente miscigenada, fora da Índia, ocupava o que é agora a bacia do Mediterrâneo. Ali, os homens azuis do norte e os saarianos do sul encontraram-se e miscigenaram-se com os noditas e os adamitas do oriente.

78:1.12 (869.8)      Esse era o panorama do mundo antes do início das grandes expansões da raça violeta, por volta de vinte e cinco mil anos atrás. A esperança futura de civilização repousava no segundo jardim, entre os rios da Mesopotâmia. No sudoeste da Ásia havia o potencial de uma grande civilização, a possibilidade da propagação, para o mundo, de idéias e de ideais que haviam sido salvos dos dias da Dalamátia e dos tempos do Éden.

78:1.13 (869.9)      Adão e Eva haviam deixado atrás de si uma progênie limitada, mas poderosa; assim, os observadores celestes, em Urântia, aguardavam ansiosamente para descobrir como se comportariam esses descendentes do Filho e da Filha Materiais faltosos.

## **2. Os Adamitas no Segundo Jardim**

78:2.1 (869.10)      Durante milhares de anos, os filhos de Adão trabalharam ao longo dos rios da Mesopotâmia, resolvendo ali os problemas de irrigação e controle de inundações ao sul, aperfeiçoando as suas defesas ao norte e tentando preservar as suas tradições de glória do primeiro Éden.

78:2.2 (869.11)      O heroísmo demonstrado na liderança do segundo jardim constitui um dos épicos mais extraordinários e inspiradores da história de Urântia. Essas almas esplêndidas nunca perderam completamente de vista o propósito da missão Adâmica e, por isso, rechaçaram com valentia as influências das tribos vizinhas inferiores e, ao mesmo tempo, enviaram voluntariamente, em um fluxo

constante, os seus filhos e filhas mais dotados como emissários, às raças da Terra. Algumas vezes, essa expansão esgotava a sua própria cultura, mas esses povos superiores sempre conseguiam reabilitar-se.

78:2.3 (870.1) O status da civilização, da sociedade e da cultura dos adamitas estava muito acima do nível geral das raças evolucionárias de Urântia. Apenas entre as antigas colônias de Van e Amadon, e entre os adamsonitas, havia uma civilização equiparável, de algum modo. No entanto, a civilização do segundo Éden foi uma estrutura artificial — *não havia passado pela evolução* — e, portanto, estava fadada a deteriorar-se até alcançar um nível natural de evolução.

78:2.4 (870.2) Adão deixou uma grande cultura intelectual e espiritual atrás de si, mas não era adiantada quanto aos instrumentos mecânicos, pois toda civilização é limitada pelos recursos naturais disponíveis, pela genialidade inata e por um lazer suficiente para assegurar que a inventividade dê frutos. A civilização da raça violeta teve como fundamento a presença de Adão e as tradições do primeiro Éden. Depois da morte de Adão e, à medida que essas tradições enfraqueceram com o passar dos milênios, o nível cultural dos adamitas deteriorou-se sem cessar até atingir um estado de equilíbrio, balanceado com o status dos povos vizinhos e com as capacidades naturais de evolução cultural da raça violeta.

78:2.5 (870.3) Contudo, os adamitas constituíam uma nação verdadeira, por volta de 19 000 a.C., contando com quatro milhões e meio de integrantes, e eles já haviam espalhado milhões de descendentes seus pelos povos vizinhos.

### 3. As Primeiras Expansões dos Adamitas

78:3.1 (870.4) Durante muitos milênios, a raça violeta conservou as tradições pacíficas do Éden; e isso explica a demora em efetivar conquistas territoriais. Quando sofreram a pressão do excesso de população, em vez de gerarem guerras para assegurar mais territórios, eles enviaram o excesso de habitantes como instrutores para as outras raças. Os efeitos culturais dessas primeiras migrações não perduraram, mas a absorção dos educadores, dos comerciantes e dos exploradores adamitas foi biologicamente revigorante para os povos vizinhos.

78:3.2 (870.5) Alguns dos adamitas logo viajaram para o oeste, até o vale do Nilo, outros penetraram a leste na Ásia, mas estes últimos foram uma minoria. O movimento maciço das épocas posteriores foi mais para o norte e dali para o oeste. No conjunto, foi uma leva gradual, mas incessante; a maior parte indo para o norte e, depois, contornando o mar Cáspio, indo para oeste e penetrando na Europa.

78:3.3 (870.6) Há cerca de vinte e cinco mil anos, um grande número de adamitas mais puros achava-se adiantado na sua rota para o norte. E, à medida que penetravam na direção norte, tornavam-se cada vez menos Adâmicos, até que, na época em que ocuparam o Turquestão, já estavam completamente misturados a outras raças, particularmente a dos noditas. Pouquíssimos da linhagem pura dos povos violetas chegaram a penetrar as terras remotas da Europa ou da Ásia.

78:3.4 (870.7) Entre 30 000 e 10 000 a.C., as misturas raciais, que marcaram época, estavam acontecendo no Sudoeste da Ásia. Os habitantes dos planaltos do Turquestão eram um povo viril e vigoroso. No noroeste da Índia, persistia uma boa parte da cultura dos dias de Van. E ainda, ao norte dessas colônias, o melhor dos andonitas primitivos havia sido conservado. E essas duas raças, de cultura e caráter superiores, foram absorvidas pelos adamitas que se deslocavam para o norte. Essa amalgamação levou à adoção de muitas idéias novas; facilitou o progresso da civilização e fez avançar, em muito, todas as manifestações da arte, da ciência e da cultura social.

78:3.5 (871.1) Quando terminou o período das primeiras migrações Adâmicas, por volta de 15 000 a.C., já havia mais descendentes de Adão na Europa e na Ásia Central do que em qualquer outro local do mundo, ultrapassando mesmo os da Mesopotâmia. As raças azuis européias haviam sofrido amplas impregnações. As terras agora denominadas Rússia e Turquestão foram ocupadas, em toda a sua extensão sul, por uma grande reserva de adamitas misturados aos noditas, andonitas e sangiques vermelhos e amarelos. A Europa do sul e a faixa mediterrânea foram ocupadas por uma raça mista de andonitas e de povos sangiques — alaranjados, verdes e índigos — com um toque da linhagem adamita. A Ásia Menor e as terras da Europa Central do leste foram ocupadas por tribos predominantemente andonitas.

78:3.6 (871.2) Nessa época, uma raça de cores combinadas, bastante reforçada por elementos que vieram da Mesopotâmia, estabeleceu-se

no Egito e preparou-se para assumir a cultura em desaparecimento do vale do Eufrates. Os povos negros mudaram-se mais para o sul da África e, do mesmo modo que a raça vermelha, ficaram virtualmente isolados.

78:3.7 (871.3) A civilização do Saara havia sido dissipada pela seca; e a da bacia do Mediterrâneo, pelas enchentes. As raças azuis ainda não tinham tido êxito em desenvolver uma cultura avançada. Os andonitas ainda estavam dispersos nas regiões árticas e da Ásia Central. As raças verde e alaranjada haviam sido exterminadas, enquanto tais. A raça índigo encontrava-se a caminho do sul da África, para começar lá a sua lenta, longa e contínua deterioração racial.

78:3.8 (871.4) Os povos da Índia permaneceram estagnados, em uma civilização que não progredia; os homens amarelos estavam consolidando as suas posições na Ásia Central; o homem moreno ainda não havia iniciado a sua civilização nas ilhas próximas do oceano Pacífico.

78:3.9 (871.5) Essas distribuições raciais, associadas a mudanças climáticas abrangentes, prepararam o mundo para a inauguração da era andita da civilização de Urântia. Essas migrações primitivas prolongaram-se por um período de dez mil anos, desde 25 000 a 15 000 a.C. As migrações posteriores ou anditas aconteceram no período entre 15 000 e 6 000 a.C.

78:3.10 (871.6) Demorou tanto tempo para que as primeiras levas de adamitas atravessassem a Eurásia, que a sua cultura, em muito, ficou perdida no trânsito. Só os anditas que vieram mais tarde se

deslocaram com velocidade suficiente para levar a cultura edênica a grandes distâncias da Mesopotâmia.

## 4. Os Anditas

78:4.1 (871.7) As raças anditas foram a mistura primária da raça violeta, de linhagem pura, com os noditas, acrescidas dos povos evolucionários. Em geral, deve-se considerar os anditas como tendo uma percentagem muito maior de sangue Adâmico do que as raças modernas. No conjunto, o termo andita é usado para designar os povos cuja herança racial violeta é de um oitavo a um sexto. Os urantianos modernos, mesmo as raças brancas nórdicas, trazem muito menos do que essa percentagem do sangue de Adão.

78:4.2 (871.8) Os primeiros povos anditas tiveram origem nas regiões adjacentes à Mesopotâmia, há mais de vinte e cinco mil anos, e consistiam em uma combinação de adamitas e noditas. O segundo jardim estava cercado, em círculos concêntricos, pelo sangue violeta decrescente e foi na periferia desse foco de fusão racial que nasceu a raça andita. Mais tarde, quando os adamitas e os noditas, em migração, entraram nas regiões, então férteis do Turquestão, logo se misturaram aos habitantes superiores e a mistura racial resultante levou o tipo andita mais para o norte.

78:4.3 (872.1) Sob todos os pontos de vista, os anditas foram a melhor raça humana a surgir em Urântia, desde os dias dos povos violetas de linhagem pura. Eles englobavam a maior parte dos tipos superiores

dos remanescentes, que sobreviveram, das raças adamitas e noditas e, mais tarde, de algumas das melhores linhagens de homens amarelos, azuis e verdes.

78:4.4 (872.2) Esses anditas primitivos não eram arianos, eles eram pré-arianos. Não eram brancos, eram pré-brancos. E não eram nem um povo ocidental, nem oriental. É a herança andita, todavia, que confere à mistura poliglota, das chamadas raças brancas, aquela homogeneidade generalizada que tem sido chamada de caucasóide.

78:4.5 (872.3) As linhagens mais puras da raça violeta traziam consigo a tradição Adâmica da busca da paz, o que explica por que os primeiros deslocamentos das raças haviam sido migrações de natureza mais pacífica. À medida, porém, que os adamitas se uniram às raças noditas, as quais nessa época eram raças beligerantes, os seus descendentes anditas tornaram-se, para a sua época, os mais hábeis e sagazes militaristas que jamais viveram em Urântia. Os deslocamentos que os mesopotâmios fizeram, a partir daí, tinham, cada vez mais, as características militares e tornaram-se mais semelhantes às verdadeiras conquistas.

78:4.6 (872.4) Esses anditas eram aventureiros; de natureza nômade. Um aumento do sangue sangique ou andonita tendia a estabilizá-los. Contudo, ainda assim, os seus descendentes mais recentes nunca descansaram até que houvessem circunavegado pelo globo e descoberto o último dos continentes remotos.

## 5. As Migrações Anditas

78:5.1 (872.5) A cultura do segundo jardim perdurou por vinte mil anos, mas experimentou um declínio contínuo até cerca do ano 15 000 a.C., quando o renascimento do sacerdócio setita e a liderança de Amosad inauguraram uma era brilhante. As ondas maciças de civilização que mais tarde se espalharam pela Eurásia seguiram, imediatamente, a grande renascença do Jardim, conseqüente das numerosas uniões dos adamitas com os noditas misturados dos arredores, para formar os anditas.

78:5.2 (872.6) Esses anditas inauguraram novos avanços em toda a Eurásia e no norte da África. Da Mesopotâmia até o Sinquiang, a cultura andita era dominante, e a contínua migração para a Europa era constantemente reposta pelas novas levas chegadas da Mesopotâmia. Não seria correto, porém, falar dos anditas, na Mesopotâmia, como uma raça propriamente dita, antes do começo das migrações finais dos descendentes mistos de Adão. Nessa época, mesmo as raças do segundo jardim haviam-se tornado tão misturadas que não mais podiam ser consideradas adamitas.

78:5.3 (872.7) A civilização do Turquestão estava sendo constantemente vivificada e renovada por levas recém-chegadas da Mesopotâmia, especialmente de cavaleiros anditas mais recentes. A língua mãe, chamada ariana, estava em processo de formação nos planaltos do Turquestão; era uma mistura do dialeto andônico daquela região com a língua dos adamsonitas e dos anditas

posteriores. Muitas das línguas modernas são derivadas da fala primitiva dessas tribos da Ásia Central que conquistaram a Europa, a Índia, e a parte de cima das planícies da Mesopotâmia. Essa língua antiga emprestou aos idiomas ocidentais toda aquela similaridade que os faz serem chamados todos de arianos.

78:5.4 (872.8) Por volta de 12 000 a.C., três quartos das raças anditas do mundo residiam no norte e no leste da Europa e, quando aconteceu o êxodo posterior final da Mesopotâmia, sessenta e cinco por cento dessas últimas ondas de emigração entraram na Europa.

78:5.5 (873.1) Os anditas não apenas migraram para a Europa, como para o norte da China e da Índia e muitos grupos penetraram nos confins da Terra, como missionários, educadores e comerciantes. Levaram uma contribuição considerável aos grupos de povos sangüíneos, no norte do Saara. Entretanto, apenas uns poucos educadores e comerciantes conseguiram penetrar na África, mais para o sul da cabeceira do Nilo. Mais tarde, indivíduos miscigenados anditas e egípcios seguiram, descendo para as costas leste e oeste da África, até abaixo do equador, mas não chegaram a Madagascar

78:5.6 (873.2) Esses anditas foram os conquistadores da Índia, chamados dravidianos e, mais tarde, arianos; e a sua presença na Ásia Central elevou grandemente os ancestrais dos turanianos. Dessa raça, muitos viajaram para a China, tanto pelo Sinqiang, quanto pelo Tibete; e acrescentaram qualidades apreciáveis às raças chinesas posteriores. De tempos em tempos, pequenos grupos chegavam até o Japão, Formosa, Índias Orientais e China do sul; se

bem que poucos houvessem entrado na parte sulina da China pela via costeira.

78:5.7 (873.3) Cento e trinta e dois membros dessa raça, embarcados em uma frota de barcos pequenos vindos do Japão, finalmente alcançaram a América do Sul e, por meio de casamentos com os nativos dos Andes, deram nascimento aos ancestrais dos governantes posteriores dos Incas. Eles cruzaram o oceano Pacífico por etapas curtas, permanecendo nas muitas ilhas que achavam pelo caminho. As ilhas do grupo da Polinésia eram mais numerosas e maiores do que agora, e esses navegadores anditas, junto com alguns dos que os seguiram, modificaram biologicamente os grupos nativos durante o seu trânsito. Muitos centros de civilização florescentes surgiram nessas que agora são terras submersas, como resultado da penetração andita. A ilha de Páscoa, há muito, havia sido um centro administrativo e religioso de um desses grupos perdidos. Contudo, dos anditas que navegaram o Pacífico, de muito tempo atrás, apenas cento e trinta e dois chegaram às terras continentais das Américas.

78:5.8 (873.4) As conquistas migratórias dos anditas continuaram até a sua dispersão final, entre 8 000 e 6 000 a.C. À medida que saíam da Mesopotâmia, eles esgotavam continuamente as reservas biológicas da sua origem e fortaleciam visivelmente os povos vizinhos. E, em cada nação para onde viajaram, contribuíram com o humor, a arte, a aventura, a música e os manufaturados. Eles eram hábeis domesticadores de animais e especialistas em agricultura. Ao menos naquela época, a presença deles em geral melhorava as crenças religiosas e as práticas morais das raças mais antigas. E, assim, a

cultura da Mesopotâmia espalhou-se calmamente pela Europa, Índia, China, norte da África e pelas Ilhas do Pacífico.

## **6. As Últimas Dispersões Anditas**

78:6.1 (873.5) As três últimas ondas de anditas deixaram a Mesopotâmia entre 8 000 e 6 000 a.C. Essas três grandes ondas de cultura saíram de um modo forçado da Mesopotâmia, pela pressão das tribos das colinas, no sentido leste, e da hostilidade dos homens das planícies do oeste. Os habitantes do vale do Eufrates e dos territórios adjacentes fizeram o seu êxodo final em várias direções:

78:6.2 (873.6) Sessenta e cinco por cento deles entraram na Europa pelo caminho do mar Cáspio, para conquistar as raças brancas recém-surgidas — em uma combinação dos homens azuis e dos anditas primitivos — e para amalgamar-se com elas.

78:6.3 (873.7) Dez por cento, incluindo um grupo grande de sacerdotes setitas, mudaram-se para o leste, atravessando os planaltos elamitas e indo até o planalto iraniano e o Turquestão. Muitos dos seus descendentes, mais tarde, encaminharam-se para a Índia junto com os seus irmãos arianos das regiões mais setentrionais.

78:6.4 (874.1) Dez por cento dos mesopotâmios voltaram-se para o leste, durante a sua trajetória para o norte, entrando em Sinqiang, onde se fundiram com os habitantes anditas amarelos. A maioria da progênie, bem-dotada, dessa união racial entrou, mais tarde, na

China e contribuiu muito para o melhoramento imediato do ramo nortista da raça amarela.

78:6.5 (874.2) Dez por cento desses anditas em fuga encaminharam-se para a Arábia e entraram no Egito.

78:6.6 (874.3) Cinco por cento dos anditas da cultura mais elevada do distrito costeiro junto às embocaduras do Tigre e do Eufrates, os quais não se haviam misturado com as tribos inferiores vizinhas, recusaram-se a deixar a sua terra natal. Esse grupo representou a sobrevivência de muitas linhagens superiores de noditas e de adamitas.

78:6.7 (874.4) Os anditas haviam evacuado quase inteiramente essa região, por volta de 6 000 a.C.; embora os seus descendentes, amplamente miscigenados com as raças sangiques vizinhas e com os andonitas da Ásia Menor, estivessem ali para batalhar contra os invasores do norte e do leste, em uma época posterior.

78:6.8 (874.5) A idade cultural do segundo jardim terminou por causa da infiltração crescente das linhagens inferiores vizinhas. A civilização mudou-se para o oeste, no Nilo, e para as ilhas do Mediterrâneo, onde continuou a progredir e a avançar até muito depois da deterioração da sua fonte de origem, na Mesopotâmia. E esse afluxo descontrolado de povos inferiores preparou o caminho para as futuras conquistas, de toda a Mesopotâmia, pelos bárbaros do norte, os quais puseram fim à linhagem residual de maior capacidade. Mesmo em anos posteriores, os resíduos culturais ainda ressentiam-se da presença desses invasores toscos e ignorantes.

## 7. As Enchentes na Mesopotâmia

78:7.1 (874.6) Os moradores ribeirinhos estavam acostumados às inundações nas margens dos rios em certas estações; essas enchentes periódicas eram acontecimentos anuais nas suas vidas. Contudo, perigos novos ameaçavam o vale da Mesopotâmia, por causa das alterações geológicas progressivas ao norte.

78:7.2 (874.7) Por milhares de anos, depois que o primeiro Éden submergira, as montanhas na costa leste do Mediterrâneo e aquelas a noroeste e a nordeste da Mesopotâmia continuaram a elevar-se. Essa elevação dos planaltos foi bastante acelerada por volta de 5 000 a.C., e isso, junto com o aumento da precipitação de neve nas montanhas ao norte, causou enchentes sem precedentes em todas as primaveras, em todo o vale do Eufrates. Essas enchentes nas primaveras tornaram-se cada vez piores, até que finalmente os habitantes das regiões ribeirinhas tiveram de mudar-se para os planaltos a leste. Por quase mil anos, dezenas de cidades ficaram praticamente desertas em consequência desses dilúvios.

78:7.3 (874.8) Quase cinco mil anos depois, quando os sacerdotes hebreus em cativeiro na Babilônia, buscaram ligar a Adão a origem do povo judeu, encontraram uma grande dificuldade em reconstituir a história. Então ocorreu a um deles abandonar esse esforço, deixar que o mundo inteiro afundasse na própria perversidade, à época da

enchente de Noé, e ficar, assim, em uma posição melhor para atribuir a origem de Abraão a um dos três filhos sobreviventes de Noé.

78:7.4 (875.1) As tradições de uma época em que a água cobria toda a superfície da Terra são universais. Muitas raças alimentam a história de uma enchente de amplidão mundial, em alguma época das idades passadas. A história bíblica de Noé, da arca e da enchente, é uma invenção do sacerdócio hebreu durante o seu cativeiro na Babilônia. Nunca houve uma enchente universal, desde que a vida foi estabelecida em Urântia. A única época em que a superfície da Terra esteve completamente coberta pela água foi durante as idades arqueozóicas, antes que as terras começassem a aparecer.

78:7.5 (875.2) Entretanto, Noé existiu realmente; foi um fabricante de vinho em Aram, uma colônia junto ao rio, perto de Erec. Ele mantinha um registro escrito dos dias de alta do rio, ano após ano. Chegou a ser bastante ridicularizado, quando subia e descia o vale do rio, advogando que todas as casas devessem ser feitas de madeira, no feitio de barcos; e que os animais da família fossem colocados a bordo todas as noites, quando se aproximasse a estação das enchentes. Ia, todos os anos, às colônias ribeirinhas da vizinhança prevenir sobre enchentes que, chegariam dentro de alguns dias. Finalmente, veio um ano no qual as enchentes anuais aumentaram bastante, por causa de uma chuva anormalmente pesada, de modo que a súbita elevação das águas levou toda a aldeia; apenas Noé e os mais próximos, na sua família, salvaram-se na sua casa flutuante.

78:7.6 (875.3) Essas enchentes completaram a dissolução da civilização andita. Ao fim desse período de dilúvio, o segundo jardim não existia mais. Apenas no sul, e entre os sumérios, alguns vestígios da glória anterior prevaleceram.

78:7.7 (875.4) Os remanescentes dessa civilização, uma das mais antigas, podem ser encontrados nessas regiões da Mesopotâmia, bem como a nordeste e a noroeste delas. Contudo, vestígios ainda mais antigos dos dias da Dalamátia existem sob as águas do golfo Pérsico; e o primeiro Éden está submerso na extremidade leste do mar Mediterrâneo.

## **8. Os Sumérios — Os Últimos dos Anditas**

78:8.1 (875.5) Quando a última dispersão andita alquebrou a espinha dorsal biológica da civilização da Mesopotâmia, uma pequena minoria dessa raça superior permaneceu na sua região natal, próxima das embocaduras dos rios. Esses foram os sumérios e, por volta de 6 000 a.C., eles haviam-se tornado uma descendência amplamente andita, embora a sua cultura tivesse um caráter mais exclusivamente nodita e eles se ativessem às antigas tradições da Dalamátia. Esses sumérios das regiões da costa, entretanto, eram os últimos anditas na Mesopotâmia. Contudo, as raças da Mesopotâmia já estavam intensamente mescladas nessa época, como fica evidenciado pelos tipos de crânios encontrados nos túmulos dessa era.

78:8.2 (875.6) Foi durante a época das enchentes que Susa prosperou intensamente. A primeira cidade, de altitude menos elevada, foi inundada, de modo tal que o segundo núcleo, ou o mais alto, sucedeu à parte baixa como sede do artesanato, bastante peculiar, daqueles dias. Com a diminuição posterior das enchentes, Ur tornou-se o centro da indústria de cerâmica. Por volta de sete mil anos atrás, Ur localizava-se no golfo Pérsico; as aluviões fluviais que se depositaram ali elevaram, desde então, as terras até os seus limites atuais. Essas colônias sofreram menos durante as enchentes por causa das obras de proteção e controle e em função da maior abertura na embocadura dos rios.

78:8.3 (875.7) Os pacíficos cultivadores de grãos dos vales do Eufrates e do Tigre há muito vinham sendo fustigados pelas incursões dos bárbaros do Turquestão e do planalto iraniano. Agora, porém, uma invasão planejada do vale do Eufrates era provocada pelo aumento da seca nos pastos dos planaltos. E essa invasão foi ainda mais séria porque os pastores e os caçadores dos arredores possuíam muitos cavalos domados. Foi a posse dos cavalos que lhes deu uma grande vantagem militar sobre os seus ricos vizinhos do sul. Em pouco tempo eles invadiram toda a Mesopotâmia, expulsando as últimas ondas de cultura, as quais se espalharam por toda a Europa, pelo oeste da Ásia e pelo norte da África.

78:8.4 (876.1) Esses conquistadores da Mesopotâmia levavam, nas suas fileiras, muitas das melhores linhagens anditas das raças miscigenadas do norte do Turquestão, incluindo algumas das linhagens de Adamson. Essas tribos menos avançadas, mas mais

vigorosas do norte, rapidamente, e com grande disposição, assimilaram os resíduos da civilização da Mesopotâmia. E logo formaram aqueles povos híbridos encontrados no vale do Eufrates, no começo dos anais da história. E logo reviveram muitas fases da civilização moribunda da Mesopotâmia, incorporando as artes das tribos do vale e grande parte da cultura dos sumérios. Intentaram até mesmo construir a terceira torre de Babel e, mais tarde, adotaram o termo como nome para a sua nação.

78:8.5 (876.2) Quando esses cavaleiros bárbaros do nordeste invadiram todo o vale do Eufrates, eles não conquistaram os remanescentes dos anditas que habitavam as cercanias da embocadura do rio, no golfo Pérsico. Por causa da sua inteligência superior, esses sumérios foram capazes de defender-se com armas melhores e com o seu amplo sistema de canais militares, o qual era um complemento do esquema de irrigação, feito por meio de tanques de intercomunicação. E formavam um povo unido, porque possuíam uma religião grupal única. Assim, foram capazes de manter a sua integridade racial e nacional, até muito tempo depois de os vizinhos do noroeste haverem sido fragmentados, em cidades-estados isoladas. Nenhum desses grupos de cidades foi capaz de superar os sumérios unificados.

78:8.6 (876.3) E os invasores do norte logo aprenderam a confiar neles, e a dar valor a esses sumérios amantes da paz, pois eram educadores e administradores hábeis. Eram muito respeitados e procurados como instrutores de arte e trabalhos industriais, como diretores

comerciais e como governantes civis, por todos os povos do norte e do Egito, a oeste, e até a Índia, a leste.

78:8.7 (876.4) Após a queda da primeira confederação suméria, as cidades-estados posteriores foram governadas pelos descendentes apóstatas dos sacerdotes setitas. E só depois de conquistarem as cidades da vizinhança é que esses sacerdotes denominaram-se reis. Os reis posteriores das cidades não conseguiram formar uma confederação poderosa antes dos dias de Sargon, por causa dos ciúmes que uns tinham das deidades dos outros. Cada cidade acreditava que o seu deus municipal fosse superior a todos os outros deuses e, conseqüentemente, recusava subordinar-se a qualquer liderança comum.

78:8.8 (876.5) Esse longo período de governo fraco dos sacerdotes citadinos terminou com Sargon, o sacerdote de Kish, que se proclamou rei e iniciou a conquista de toda a Mesopotâmia e terras adjacentes. E, durante um certo período, isso acabou com as cidades-estados, governadas e tiranizadas por sacerdotes; cada cidade tendo o seu próprio deus municipal e práticas cerimoniais próprias.

78:8.9 (876.6) Após o rompimento dessa confederação Kish, seguiu-se um período longo de guerras constantes entre essas cidades dos vales, na disputa da supremacia, que se alternou entre Sumer, Akad, Kish, Erec, Ur e Susa.

78:8.10 (876.7) Por volta de 2 500 a.C., os sumérios sofreram sérios reveses nas mãos dos suítas e guitas do norte. Lagash, a capital suméria construída sobre as terras das aluviões das enchentes, caiu. Erec manteve-se por trinta anos após a queda de Akad. Na época do

estabelecimento do governo de Hamurabi, os sumérios haviam sido absorvidos pelas fileiras dos semitas do norte, e os anditas da Mesopotâmia foram apagados das páginas da história.

78:8.11 (877.1) De 2 500 até 2 000 a.C., os nômades andaram fazendo estragos desde o oceano Atlântico até o Pacífico. Foi com os neritas que se deu a investida final contra o grupo do mar Cáspio, de descendentes mesopotâmios das raças anditas e andonitas miscigenadas. Tudo aquilo que os bárbaros deixaram de arruinar na Mesopotâmia, as mudanças climáticas subseqüentes fizeram-no com êxito.

78:8.12 (877.2) E essa é a história da raça violeta, depois dos dias de Adão, e do destino que teve a sua terra natal, entre o Tigre e o Eufrates. A sua antiga civilização finalmente caiu, devido à emigração dos povos superiores e da imigração de seus vizinhos inferiores. Contudo, muito antes de haverem, as cavalarias bárbaras, conquistado o vale, grande parte da cultura do Jardim já se havia propagado até a Ásia, a África e a Europa, para ali produzir os fermentos que resultaram na civilização do século vinte de Urântia.

78:8.13 (877.3) [Apresentado por um Arcanjo de Nébadon.]